



**Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser**

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

[www.inhauser.com.br](http://www.inhauser.com.br) / [marcos@inhauser.com.br](mailto:marcos@inhauser.com.br)

[www.pastoralia.com.br](http://www.pastoralia.com.br)

## **TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR**

### **LOUVOR EM DECIBÉIS**

**Marcos Roberto Inhauser**

Há algo de novo no reino do louvor a Deus, fruto da tecnologia.

Os grandes místicos espirituais se caracterizaram por uma atitude introspectiva, meditativa, intimista, reflexiva. Para eles o silêncio era condição *sine qua non* para a espiritualidade. Regras monásticas as mais diversas ressaltavam esta relação entre silêncio e espiritualidade. Os historiadores têm citado a Antonio, quem viveu entre 250 e 356 d.C. como um dos primeiros a optar por uma vida simples e isolada para viver sua espiritualidade. Vendeu seus bens, deu o dinheiro aos pobres e passou a viver solitariamente em uma caverna para assim levar uma vida de meditação. Muitos, por verem nele tal desprendimento, imitaram seu gesto e também passaram a ter o mesmo estilo de vida. Surgiram assim os eremitas e os anacoretas. Mais tarde surgem os mosteiros como forma de canalizar e disciplinar esta vida religiosa. O mais importante representante desta geração foi Bento de Núrsia (480-542) quem fundou um mosteiro e elaborou um plano que visava à espiritualidade, com o dia dividido em períodos onde havia um equilíbrio entre o culto e a obra, ensinava a pobreza, a castidade e a obediência.

Por outro lado, e paralelo a este movimento, foram sendo construídos templos e catedrais, todos eles com uma coisa em comum: eram locais de silêncio, reverência, ambientes convidativos à reflexão e meditação. Esculturas ou pinturas estavam ali como forma de incitar à meditação.

Isto já estava no profeta vétero testamentário que dizia: “o Senhor está no seu santo templo; Cale-se diante dEle toda a terra”. De Lutero se conta que acordava bem cedo todos os dias e passava horas em silêncio, só repetindo a frase “Santo, Santo” de forma esporádica, para só então começar sua oração a Deus. Mais tarde um outro teólogo, Dietrich Boenhoeffer, disse que a verdadeira adoração começa com o silêncio.

Ocorre que, nos dias de hoje, parece que a coisa se inverteu. A qualidade do louvor a Deus, do culto, da missa se mede em decibéis. Quanto mais alto for o som mais fervor há. Quanto mais movimentos, animação, cores, aeróbica, dança, maior é a adoração e a unção.

Isto me dá arrepios. Para mim há um cheiro de superficialidade, de excitação, de animação que pouco têm a ver com a verdadeira adoração. O silêncio foi substituído pelos alto-falantes e pelos watts de potência, a introspecção pela extroversão, o tempo a sós pelos grandes eventos, a missa pela showmissa, os cultos pelos louvorzões. E o que é pior: tenho a impressão de que há uma concorrência surda e não declarada entre católicos e evangélicos e entre evangélicos para ver quem tem o maior poder de arregimentação: “Missa atrai 150 mil fiéis” versus “Marcha para Jesus reúne milhares de fiéis”.

A recomendação do Mestre de que se deve “fechar a porta do quarto e em segredo orar” foi esquecida. O silêncio foi trocado pelo barulho, a qualidade pela quantidade. O exemplo de humildade de Jesus que pedia aos que por Ele eram beneficiados de que nada contassem é hoje substituído pelas fotos das estrelas do mundo religioso, seja um padre pop-star ou um pregador-cantor, um artista recém convertido ou celebridade neófito. Sem contar os que se valem da condição de religioso para alavancar candidaturas.